


O sentido de prudência em Espinosa e seu lema *Cautè*

Adriana Chimenez Aviles de Lima¹



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

 <https://doi.org/10.32459/2447-8717e278>

Recebido: 03-10-2023 | **Aprovado:** 24-11-2023 | **Publicado:** 29-12-2023

Resumo: Este artigo propõe-se a analisar a noção de prudência que o pensamento de Espinosa apresenta, a partir do seu lema *Cautè*, visto com mais ênfase em sua *Correspondência* trocada ao longo de seu percurso filosófico, mas também presente em outras obras como o *Tratado teológico-político*, e a *Ética*, nas quais a prudência se desenvolve e opera com suas bases firmadas no campo do conhecimento e da razão, assim como no campo dos afetos e das relações afetivas. Seguramente, desde suas correspondências, Espinosa, com o seu lema *Cautè*, pretende orientar o leitor a ter atenção suficiente àquilo que lê e a adquirir uma capacidade leitora que desperte a potência de seu pensamento, resultado de uma ação mais ativa destacada em seu percurso ético. Alguns dos conceitos apresentados na sua *Ética*, no que se refere à condução do homem a uma vida que pretenda ser tão potente quanto puder, contribuem para a compreensão da noção espinosana de prudência, p.ex.: *conatus*, cautela, simultaneidade, e a seu lema pessoal “*Cautè*”, o qual será mais analisado nesse presente trabalho.

Palavras-chave: Espinosa. Prudência. Razão. *Cautè*.

Abstract: This article proposes to analyze the notion of prudence that Spinoza's thought presents, based on his motto *Cautè*, seen with more emphasis in his Correspondence exchanged throughout his philosophical path, but also present in other works such as the Theological Treatise -political, and Ethics, in which prudence develops and operates with its bases established in the field of knowledge and reason, as well as in the field of affections and affective relationships. Certainly, from his correspondence, Espinosa, with his motto *Cautè*, intends to guide the reader to pay enough attention to what he reads and to acquire a reading capacity that awakens the power of his thought, the result of a more active action highlighted in his ethical path. Some of the concepts presented in his Ethics, with regard to leading man to a life that intends to be as powerful as possible, contribute to the understanding of Spinoza's notion of prudence, eg: *conatus*, caution, simultaneity, and the his personal motto “*Cautè*”, which will be further analyzed in this present work.

Keywords: Spinoza. Prudence. Reason. *Cautè*.

¹ Mestra em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP.

Percursos preliminares do conceito de prudência

Pensar o sentido de prudência na filosofia de Espinosa pode ser um desafio revelador no que concerne a um dos conceitos mais tradicionais na história da filosofia, seguramente, o conceito de prudência sempre foi objeto de reflexão, entretanto, seu sentido é constantemente ressignificado. O termo prudência corresponde ao vocábulo grego *phrónesis* e deriva do termo latino *prudētia*, que também equivale a *sapientia* (MORA, 2004, tomo III). Para o pensamento do filósofo holandês, o conceito de prudência irrompe um sentido distinto com qualidades específicas que efetivamente se distanciam da tradição em muitos pontos, porém, não será nossa intenção neste artigo abarcar toda a noção de prudência que o pensamento de Espinosa pode apresentar.

Inicialmente, analisaremos o sentido de prudência utilizado pelo filósofo como um princípio que denotava precaução e se servia do termo latino *cautè*, que também pode ser traduzido como prudência. O termo *cautè* aparece nos textos e correspondências do filósofo enquanto significado de cautela, trazendo informações e análises iniciais ao que posteriormente se configurará no sentido de prudência espinosana e passa a operar na sua filosofia. Entre questionamentos que permeiam as discussões filosóficas, teológicas, políticas e, sobretudo, morais, neste presente trabalho, iremos introduzir a noção de prudência através da expressão *cautè*, e como ela é trabalhada em Espinosa na condução da sua comunicação tanto para o não filósofo como para o leitor mais apto à filosofia.

Marilena Chauí analisa de forma preliminar o significado dessa expressão não sob o ponto de vista da temática e do conteúdo no qual a cautela acontece no pensamento filosófico espinosano, mas, anteriormente a isso, às características da personalidade e do temperamento do filósofo, reconhecendo a sua maneira e como conduz seus passos “à medida que os conceitos espinosanos se preparam para ocupar o campo da filosofia” (CHAUÍ, 1999, p. 332). Assim, inicialmente aparece a conduta de um filósofo cauteloso nas suas ações que entraria para o cenário filosófico, ademais, compete à sua característica pessoal grande parte da referência para seu sentido de prudência, ou seja, a sua própria conduta de vida, tanto no seu campo pessoal quanto na sua disposição filosófica influenciando essa questão. Contudo, mesmo com esse temperamento e disposição prudente, no qual é salientado ainda mais o sentido prático de cautela, sua identidade não ficou em sigilo por muito tempo, principalmente depois da publicação do *Tratado teológico político*, um dos mais polêmicos de toda sua obra, escrito sob o peso da censura. Chauí

comenta que, um dos traços peculiares desse texto é a distribuição dos problemas e de suas soluções e se nos esquecermos desse fato, tenderemos a lê-lo desavisadamente, ignorando seu lema *Cautè* (CHAUI, 1981, p. 94).

Espinosa e sua filosofia transformadora chamam atenção de forma surpreendente, como acompanhamos em suas biografias e em todo o decorrer de sua trajetória consolidada consistentemente. Steven Nadler afirma, na biografia do filósofo, que seu legado foi tão grande quanto sua apropriação (NADLER, 1999, p. 07). O biógrafo também aponta em outra obra que Espinosa certamente foi o pensador mais original, radical e controverso de seu tempo, e suas ideias filosóficas, políticas e religiosas fincaram as bases para muito daquilo que hoje consideramos como “moderno” (NADLER, 2013, p. 15). A preparação da entrada de Espinosa no campo da filosofia foi pensada pelo próprio filósofo, que escolheu certa moderação em colocar sua própria opinião perante um momento filosófico no qual o cartesianismo era lido e acolhido de forma bastante significativa, como podemos conferir na sua correspondência a Oldenburg:

[...] alguns de meus amigos me solicitaram uma cópia de um certo tratado contendo a exposição, conforme o método geométrico, da segunda parte dos *Princípios* de Descartes, e um resumo das mais importantes questões de metafísica, um tratado por mim ditado a um jovem a quem eu não queria comunicar livremente minha própria maneira de ver. Além disso, me pediram para expor, do mesmo modo, a primeira parte dos *Princípios*. Como me era difícil de recusar o pedido, pus-me a trabalhar e, em duas semanas terminei a primeira parte e enviei aos amigos, que então, me pediram autorização para publicar o todo [...] (GUINSBURG; CUNHA; 2014, p. 84, carta 13).

Para Chauí, com essa carta a Oldenburg, o filósofo teria escolhido não expor abertamente suas próprias opiniões antes de garantir-se que pudessem ser publicadas sem perigo e sem inconvenientes. Desta maneira, a cautela em não tomar partido talvez seja uma hipótese a ser mantida (CHAUI, 1999, p. 332). No entanto, sua ponderação sempre atenta, o permitia adotar e manter sua figura ativa em cujo cenário filosófico ia se moldando conforme o necessário:

Agora, enfim, encontro um momento, meu caríssimo amigo, para me corresponder convosco e vos explicar por que autorizei a publicação desse tratado. É possível que algumas pessoas de classe elevada, e que se encontram em minha pátria, queiram ver meus outros escritos, nos quais falo em meu próprio nome, e farão com que possam publicá-lo sem nenhum risco. Nesse caso, sem dúvida, não tardarei muito em fazer editar alguma coisa; se acontecer de outro modo, guardarei em silêncio, ao invés de me tornar odioso a meus concidadãos, impondo-lhes, contra a

vontade, o conhecimento de minhas opiniões [...] (GUINSBURG; CUNHA; 2014, p. 84, carta 13).

Essa escolha de Espinosa era como se apresentava sua própria figura, refletindo a imagem de um filósofo reservado e atento ao porvir. Filósofo-artesão, vive e se mantém com a sua profissão como polidor de lentes, apto ao desenvolvimento das leis ópticas e ao aperfeiçoamento dessa arte, além de dedicar-se ao dom do desenho. Sua vida discreta propiciava reflexões e uma forma de vida reservada. Seu antigo biógrafo Colerius o define como uma pessoa muito moderada, mesmo em seus cuidados físicos e cotidianos, pois era fácil de se contentar, como em seus aspectos regrados da alma, “sabia bem ser o mestre de suas paixões”². Assim, a cautela é praticamente uma forma de conduta que faz parte de sua natureza, facilitando a maneira de conduzir sua vida e os acontecimentos que dela decorrem, sendo assim, é uma fonte de identificação natural para o filósofo, fonte esta que não separa sua vida de sua obra.

Não ignoramos a origem da palavra latina *cautè* com seu significado de cautela, além do significado de prudência, nessa condição, algumas pesquisas realizadas por estudiosos e comentadores do filósofo sobre o seu conceito de prudência agregam de forma sólida esses dois termos, cautela e prudência, justamente por analisarem referências de diferentes pontos dados em sua obra. De acordo com o ponto investigado, essas conotações são vistas com alguma distinção, que podem identificar melhor as diferenças. De qualquer maneira, são análises que somam e contribuem à proposta em discorrer com mais atenção sobre esse tema.

Chantal Jaquet, em seu livro *Spinoza ou la Prudence*, analisou o termo latino *cautè* utilizado por Espinosa, para ela, além do sentido de cautela, também pode ser traduzido como prudência, como aborda no seguimento de suas análises (JAQUET, 2004, p. 09). A autora aponta que o termo *cautè* foi, inicialmente, utilizado como uma base na qual o filósofo holandês oferecia explicitamente ao longo de toda sua correspondência e denotava precaução (JAQUET, 2004, p. 08). Esse princípio cauteloso inicial indicado por Espinosa foi mencionado em suas correspondências através de seu selo que era como se fosse sua “marca” e foi reconhecido como um preceito. A própria palavra *cautè* lhe servia como um selo para suas cartas, no entanto, ainda havia um desenho com a figura de uma flor que acompanhava a expressão *cautè* e denotava um tipo de conselho. “Cada carta que dirige aos

² Recurso digital: COLERIUS. *Biografias de Espinosa*. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, p. 10. Disponível em: <https://benedictusdespinoza.pro.br/biografias-de-spinoza-colerius.html> Acesso em 01/07/2022.

amigos começa com a famosa máxima “*Cautè*” (seja prudente), que lhe serviu de selo e lema”.¹³ Um lema significa uma norma ou sentença que engloba todas as outras normas por sua concisão, resume um ideal mediante sua demonstração prévia que pretende demonstrar uma unidade principal do que é exposto. Sob esse aspecto, para Espinosa, a exposição bem elaborada da significação filosófica desse lema amplia os horizontes de leitura sobre o próprio tema do seu conceito de prudência.

Esse famoso preceito, além de dialogar com seu correspondente e trazer a mensagem e o conselho em ser cauteloso especificamente nas trocas das comunicações realizadas, também é compreendido de forma profunda pelo filósofo devido a consequências e resultados de repetidos acontecimentos em que sentiu na pele a intolerância das mais diversas formas daqueles que discordavam de sua maneira de pensar e de se expressar em vários momentos na sua vida. Advindos geralmente de instituições que detinham o poder, como o governo e a Igreja, lançavam censura explícita em seu pensamento filosófico e político questionador e que se confrontava com a doutrina católica imposta, assim como com as normas e regras políticas concernentes à dominação de poder. A sua excomunhão aos vinte e quatro anos de idade, proferida pela comunidade judaica à qual pertencia, também foi uma das lições mais agudas para o filósofo aderir a esse seu preceito, tornando-se mais compreensível quando se conhece as circunstâncias no seu contexto de vida.

Nadler relata que Baruch de Spinoza, filho de um comerciante luso-judeu proeminente em Amsterdam, possuía notável inteligência e estava entre os mais superdotados alunos em sua escola. Porém, por volta de seus vinte anos, algo aconteceu que levou a mais severa excomunhão já proclamada pelos líderes da comunidade judaica local. “Ele iria se tornar um dos filósofos mais importantes e famosos de todos os tempos, e certamente o mais radical e controverso de sua autoria” (NADLER, 1999, p. 06). Desta forma, o mais perseguido também.

Entre outras considerações, também é devido a essa tendência revolucionária já manifestada e reconhecida que Jaquet aponta que o pensamento espinosista se apresenta originalmente como uma doutrina sem leitor e sem autor. Sem leitor porque seus escritos foram proibidos e sem autor porque estaria colocando em risco sua vida se assinasse autoria (JAQUET, 2004, p. 05). Como se segue, tudo isso foi resultado do espírito subversivo e destruidor de crenças e ortodoxias do filósofo, do qual resultou a proibição de seus escritos antes mesmo de serem publicados. Deleuze comenta essa particularidade com a *Ética*:

A Ética é um livro que Espinosa considera como acabado. Não o publica porque sabe que se o faz, irá para a prisão. Todo o mundo o perseguirá,

já não tem protetor. Tudo ia muito mal para ele. Renuncia à publicação e em um sentido não importa, pois seus amigos já tinham o texto. Leibniz conhecia o texto (DELEUZE, 2008, p. 16).

Além desses fatores, a censura dos escritos de Espinosa era uma indicação enfática após sua excomunhão por heresia em 1656, que pronunciava o distanciamento de qualquer relação escrita e verbal advindas do filósofo. Em um trecho poderoso da carta de excomunhão, lemos: “Advertindo que ninguém lhe pode falar oralmente nem por escrito, nem lhe fazer nenhum favor, nem estar com ele debaixo do mesmo teto, nem junto com ele a menos de quatro côvados nem ler papel algum feito ou escrito por ele”.³ O que demonstra de forma incomensurável a discriminação sobre a qual as obras de Espinosa foram julgadas e decretadas como infames nesse período.

Sem dúvida, sua cautela em expor seu pensamento era necessária até para resguardar sua segurança física, atenção considerada genuína e legítima quando se comunicava. Em mais uma carta ao seu correspondente Henry Oldenburg, Espinosa reiterará sua decisão em relação à divulgação de suas teses, que, ele sabia, só poderia lhe trazer problemas.

Quanto à vossa nova pergunta a respeito da origem das coisas e do elo que as liga à causa primeira, compus, sobre esse assunto e sobre a melhoria do entendimento, uma obra inteira; e agora me ocupo em escrevê-la e corrigi-la. Mas às vezes abandono essa obra porque não me decidi sobre sua publicação. Receio, de fato, que os teólogos de nosso tempo fiquem chocados e me ataquem de maneira odiosa como é de seu costume, a mim que tenho horror às polêmicas. (GUINSBURG; CUNHA; 2014, p. 62).⁴

Apesar desse cuidado e orientação atentos, para Maria Luísa Ferreira, o filósofo nem sempre conseguiu manter uma atitude cautelosa nas suas respostas, como se pode ver em suas cartas a Blyenberg, autor de um livro de refutações às teses espinosanas consideradas por ele como ateístas, além de duas obras antiespinosistas.⁵ Para Ferreira, alguns correspondentes não o entenderam por estarem em universos muito diferentes, outros, como o caso de Blyenberg, sem desejar entendê-lo, só se preocupou em criticá-lo.⁶ Com

³ Recurso digital: CONIB – Associação Israelita do Brasil. Disponível em: <https://www.conib.org.br/carta-deexcomunhao-de-baruch-espinoza/> Acesso em 29/01/2022.

⁴ Esta é a sua 6ª correspondência com Oldenburg, sem data, provavelmente início de 1662, cf. tradução utilizada. Org. GUINSBURG., J., CUNHA, N., *Correspondência completa*. São Paulo: editora Perspectiva LTDA, 2014, p. 62.

⁵ Para mais desse assunto, verificar: J. Guinsburg e N. Cunha, na breve biografia dos interlocutores na obra *Correspondência completa e vida*, p. 30.

⁶ Cf. Ferreira: Houve correspondentes que não quiseram entender o filósofo, preferindo criticá-lo, como Blyenberg, e outros que só quiseram criar controvérsia, atacando-o com agressividade, como Albert Burgh, na carta 67, o caso mais significativo. FERREIRA, Maria L. R., Spinoza como professor. In: *Spinoza – octavo colóquio*. Córdoba: Brujas, 2012, p. 17. Tradução nossa.

efeito, Blyenberg, na carta 20, escreve a Espinosa: “Quando recebi vossa carta, senti-me disposto primeiramente, após uma rápida leitura, não apenas a responder de imediato, mas ainda a refutar uma grande parte de seu conteúdo” (GUINSBURG; CUNHA; 2014, p. 110). Na introdução dessa correspondência, sem dúvida, o exemplo reforça a observação feita por Ferreira do quanto Blyenberg trazia o gosto pela crítica. Apesar do exame dessas observações levantadas por Ferreira nas correspondências espinosanas, na maior parte das vezes, o intercâmbio epistolar de Espinosa desenvolveu-se com a prática da cautela e precaução tanto na sua forma de expressão e comunicação quanto em seu empreendimento ao demonstrar o quão valioso é colocar em ação o significado de cautela em seu maior grau e que, dependendo do caso, pode variar e avançar para o significado vigoroso de seu conceito de prudência, anunciando seu emprego nos diversos contextos e conteúdos trocados.

Símbolo de seu selo, a cautela espinosana sustenta seu sentido, porém, também se intensifica em um momento em que o filósofo estava sob as lentes autoritárias de instituições que afirmavam seu poder e seu controle a qualquer aresta de expressão mais independente e livre, seja dada social ou individualmente. Essas instituições se preocupavam em manter uma tradição conservadora sob sua guarda, galgada em uma cartilha política e social determinada, limitante a qualquer tipo de oposição e contrária à liberdade de expressão. Inimaginável, portanto, pensar em liberdade de pensamento como dispositivo essencial para a experiência social e política no interior dos Estados como Espinosa vislumbrou e escreveu no seu *Tratado teológico político*.

Entretanto, embora passados quase três séculos, parece que a história ainda continua se repetindo com detalhes bem semelhantes, pelo menos no que concerne aos dispositivos de controle social e político. Com efeito, temos um exemplo brasileiro potente em nosso meio filosófico acadêmico que tem como pano de fundo a mesma questão. Com Marilena Chauí, filósofa e autora brasileira, vivendo na década de 1970 aqui no Brasil, cujo panorama era a ditadura em seu momento mais assombroso, inscrito em um terreno de resistências contra o embrutecimento da ditadura já instalada, é dado um momento tão perigoso quanto trágico. Contudo, como Marilena mesma afirma, “é nesse terreno “sob o signo da história” que seu aprendizado foi se efetuando e possibilitando a compreender que o autoritarismo estrutura a sociedade brasileira, na qual vigora a violência sob formas invisíveis e impalpáveis, (...) naturalizando exclusões e desigualdades e escondendo sob a indivisão imaginária do verde-amarelismo as divisões sociais e as injustiças” (CHAUI, 2018, p. 08). Lemos em seu depoimento o quanto do exemplo do significado da cautela espinosana lhe trouxe

pessoalmente a essência daquilo que o filósofo de alguma forma, em seu contexto, também teve como experiência:

De fato, voltei ao Brasil em 1969, no momento em que, sob o AI-5, as lutas revolucionárias estavam vencidas e a ditadura e o terror de Estado passavam à sua fase mais aguda e sombria. (...) Vivíamos no medo permanente, nunca sabendo se estaríamos vivos no dia seguinte, se nossos amigos e estudantes teriam desaparecido, sido presos, torturados, mortos ou exilados. Nossos professores haviam sido cassados e éramos vigiados e censurados dentro e fora da universidade. Precisávamos praticar a filosofia como crítica do instituído, mas fazê-lo tomando como símbolo a divisa de Espinosa: “*Cautela!*”. Foi sob o signo da crítica da ditadura, do autoritarismo e da ideologia da segurança nacional que, durante os anos 1970, escrevi meu doutorado e minha livre-docência sobre Espinosa, encontrando em sua obra um pensamento que interroga seu contrário, que vai até o fundo mais profundo da origem do medo e de seus efeitos: a superstição, a tirania e a servidão, cujas contradições exigem o trabalho da interrogação que se abre para a verdade e para a liberdade porque nasce do desejo de verdade e de liberdade (CHAUI, 2018, p. 07, grifo nosso).

Com efeito, nesse caso, o desejo da verdade e da liberdade que se abrem frente à superstição⁷, a tirania e a servidão, *espinosamente* falando, ou seja, dado o desejo da verdade e da liberdade pela sua percepção conceitual imanente e intuitiva, é um fim em si mesmo, é o próprio caminho a ser percorrido. Nesse sentido, a divisa espinosana de cautela é também um símbolo de resistência que se pretende firmar em sua natureza no tempo e no espaço. Para quem vive e estuda Espinosa, como Chauí, tem bem clara essa condição, como se pode notar pela profundidade de seu discurso.

Uma forma racional de prudência

Ingressando em um terreno conceitual importante para nossa análise dentro da história da filosofia, Espinosa ensina com a sua divisa *cautè*, como compreender seu sentido de prudência tanto no campo teórico quanto no prático. Embora seu preceito *cautè* tenha significado de cuidado e atenção em decorrência das experiências de vida do filósofo, e ainda que em latim a máxima *cautè* remeta etimologicamente à ideia de cautela e precaução, Jaquet indica que a fórmula não deve ser entendida como uma forma passional de desconfiança, senão como uma forma racional de prudência (JAQUET, 2004, p. 09). É seguro que Espinosa buscava uma estratégia para expor seu pensamento sem que isso lhe trouxesse

⁷ Cf. Chauí, a filosofia de Espinosa é uma crítica da superstição em todas as suas formas: religiosa, política e filosófica. Sendo uma paixão negativa, a superstição é nascida da imaginação e oscila entre o medo dos males e a esperança. CHAUI, M., In: Espinosa. *Coleção os Pensadores*, Vida e Obra, 1983, p. X.

problemas, assim, sua divisa *cautè* se alinha ao preceito *seja prudente* e é uma forma ativa e atenta que o filósofo procura dispor à sua noção de prudência na condução das experiências que vai além do rol das correspondências.

No *Tratado da Reforma do Intelecto*, Espinosa aponta a adaptação da linguagem e da comunicação à maneira de pensar dos homens, e atenta à sua primeira regra: “É bom, conforme a compreensão do vulgo, falar e fazer tudo aquilo que nada ofereça de impedimento para que atinjamos nosso escopo” (ESPINOSA, 2015, p. 35, §17)⁸. Nessa conduta, Chantal Jaquet lê e reconhece no filósofo um sentido estratégico que se compõe com sua noção de prudência na qual é dirigida como regra prática, pois sua elaboração determina a ação para a exposição do pensamento de forma prudente na qual deve ser escrito para ser compreendido pela maior parte das pessoas. No entanto, é importante destacar que a autora compreende a existência de uma conciliação entre uma prudência prática e uma prudência teórica, definindo esta última como uma virtude do entendimento, como a potência de compreender as propriedades das coisas a partir de sua essência (JAQUET, 2004, p. 17). Nessa condição, se apresenta uma via cuja pretensão é encontrar o caminho que aponte a uma “prudência mais alta”, como Chantal denomina (JAQUET, 2004, p. 15).⁹ Veremos se Espinosa traz essa proposta e como aparece a partir das operações que a sua própria noção de prudência pode desencadear ao longo de seu percurso ético.

Com a conotação ativa de seu lema *seja prudente*, seu objetivo na comunicação é afetar e ser compreendido. Desde suas correspondências, Espinosa pretende orientar o leitor não filósofo a ter atenção suficiente àquilo que lê, adquirir uma capacidade leitora que desperte a potência de seu pensamento e que busque a persistência na ação e não na passividade, acompanhando a sua linha de pensamento ético. Essa medida não é apenas orientada em termos teóricos no aprendizado do mundo através de livros, ser prudente, para Espinosa, também implica a responsabilidade em estar alerta às complexidades do mundo, na superstição induzida, “ela que odeia, acima de tudo, os que cultivam a verdadeira ciência e a verdadeira vida” (ESPINOSA, B. TTP, cap. II, p. 149), como Espinosa a exprime. O seu lema é também um alerta para as crenças e os dogmas impostos, assim como para a recepção de novos signos nas formulações de conceitos. Essa forma ativa de compreender e

⁸ Na sequência do parágrafo, lemos: Mas porque é necessário viver enquanto cuidamos de consegui-lo e [enquanto] trabalhamos para reconduzir o intelecto à reta via, somos, pois, antes de tudo coagidos a supor como boas algumas regras de vida, a saber, as seguintes: I – Conforme a compreensão do vulgo falar e fazer tudo aquilo que nada ofereça de impedimento para que atinjamos nosso escopo. Pois não pouca gratificação podemos adquirir disso, se fizermos concessões, tanto quanto se possa fazer, à sua compreensão; acrescentem-se que, desse modo, hão de se apresentar ouvidos amigos para ouvir a verdade. (...).

experienciar as coisas assim como de se manifestar, para o pensamento espinosista, se relaciona com as ações que fazem parte da natureza do ser e é sua parte intrínseca. Essa operação é compreendida através de seu conceito de *conatus*, esforço de preservação e de expansão de potência de ação que define a essência do homem, e que ora é uma potência mais ativa, ora é mais passiva. No entanto, sua busca é de uma ação potente que seja o mais ativa ao se exprimir.

Esse esforço no homem, naturalmente busca tudo aquilo que lhe serve à sua conservação, por isso, Espinosa afirma que o homem é determinado a fazê-lo, já que é a sua natureza. Na proposição 6 da terceira parte da *Ética*, o filósofo coloca que cada coisa o quanto está em suas forças, esforça-se para perseverar em seu ser. O esforço para se manter na existência é sempre esforço tanto do homem quanto das demais coisas, a diferença é que o homem tem consciência desse esforço. Os indivíduos singulares têm uma força interna (seu *conatus*) que reúne todas as suas operações e ações para permanecer na existência, contudo, não como uma pedra que permanece sempre em seu próprio estado, pois, enquanto os indivíduos têm consciência, buscam aumentar sua própria potência continuamente. Buscar passar de um estado passivo em que se está sob condições dependentes das relações externas, para um estado ativo sob uma condição de autonomia, assim como passar de um estado afetivo que aumente sua potência tanto de agir como de pensar é o que o filósofo exprime como “buscar sua própria perfeição”. É esse estado que a prudência espinosana procura para se efetivar em suas relações não só individuais, mas sociais e políticas, coerente também com todo seu projeto ético. Este é, sem dúvida, um caminho almejado pelo filósofo que busca alcançar uma prudência mais aprimorada através de uma estratégia revolucionária na qual o sábio se coloca ao alcance do ignorante e o ignorante se coloca à altura do sábio, permitindo a passagem da ignorância à sabedoria (JAQUET, 2004, p. 10). Com efeito, é uma via que leva o indivíduo a uma maior perfeição, sendo que, para Espinosa, perfeição é o mesmo que realidade. Logo, podemos inferir que passar a uma perfeição maior é adquirir uma maior realidade, isto é, realizando-se com uma maior potência através de suas alianças potentes e prudentes.

Apontamos para a hipótese pela qual é através dessa ação que a prática da prudência pode ser realizada e efetuada, ou seja, que a ação prudente contribua para a conservação do ser em suas ações e decisões, mas também, que essas ações sirvam para a expansão da potência de pensar e de agir no indivíduo no decorrer da busca pela sua perfeição enquanto expressa e manifesta essa operação. Dessa maneira, há a busca para que se encontre uma prudência expressiva na qual almeja o aumento de potência do indivíduo em toda sua

atividade e se integre à uma sabedoria teórica, também própria do percurso ético espinosano no qual percorre não somente as dimensões epistemológicas, incluindo os gêneros de conhecimento, mas as dimensões sociais e políticas, e que possibilitam o homem a desenvolver o máximo da sua perfeição enquanto expressão singular.

A conciliação de Espinosa acerca da noção de prudência, entre sua regra prática e sua sabedoria teórica

Retomando o uso da comunicação para Espinosa e sua indicação da adaptação da linguagem à maneira de pensar dos homens no *Tratado da Emenda do Intelecto*, há também a pretensão de que seu lema *cautè* tenha uma conotação ativa, própria de uma estratégia que o conceito de *conatus* admite. Isso ocorre quando Espinosa fala diretamente com o filósofo, para que este busque, de acordo com o que mostra a experiência e a sua eficácia para esse objetivo, uma adaptação na sua comunicação *ad captum vulgi*, ou seja, para que aconteça a compreensão do vulgo, das massas, naquilo que for exposto. Espinosa escreve:

A verdade é que, para deduzir algo a partir unicamente de noções intelectuais, se requer muitas vezes um longo encadeamento de percepções, além de uma extrema prudência, perspicácia e a maior contenção, tudo coisas que é raro observar-se nos homens, razão pela qual eles preferem ser ensinados pela experiência a ter de deduzir todas as suas percepções de um pequeno número de axiomas e encadeá-las umas as outras (ESPINOSA), 2004, p. 199).

A operação da ação prudente demarcada aconselha o filósofo a falar de forma que seja compreendido pelo maior número de pessoas. Essa condição delimita um campo semântico para o conceito de prudência espinosano que desejamos analisar. Quando Espinosa destina seu lema *seja prudente* ao filósofo, a noção de prudência é baseada numa regra prática, pois é pautada naquilo que a experiência apresenta como resultado para se atingir o objetivo específico proposto, qual seja, buscar ter a compreensão do vulgo. No *Tratado da Emenda do Intelecto*, a experiência mostra que, se há mais entendimento do vulgo na comunicação do filósofo, haverá de fato mais afeição e consideração por aquilo que foi comunicado (ESPINOSA, TEI, §17). Na conclusão do *Breve Tratado*, Espinosa dá outro passo importante para o preceito *cautè* e afirma não só a necessidade de uma comunicação clara, mas também a sua função, que evidencia, além do âmbito pedagógico, a pretensão da salvação do próximo, que é tão nobre quanto relevante, denotando mais complexidade ao seu lema. Desta forma, a atenção e o cuidado considerado nesse quesito se complementa

com a atividade e ação compassiva que precisa ser realizada não somente por um indivíduo, mas por todos. A conclusão situada no décimo parágrafo do capítulo XXII do *Breve Tratado* enuncia essa ação compassiva e a recomendação de uma comunicação prudente, pois o filósofo estava consciente do perigo que suas ideias inovadoras e revolucionárias poderiam causar em mentes intolerantes, apegadas à tradição e facilmente preconceituosas, típicas da “disposição do século” que, seguramente, se exigia cuidado:

E como não desconheceis a disposição do século em que vivemos, rogovos encarecidamente que sejais *muito cuidadosos* na comunicação dessas e outras coisas a outros. Não quero dizer que devais guardá-la inteiramente para vós, mas somente que, se começardes a comunicá-las a alguém, não tenhais outro propósito nem outros móveis que a salvação de vosso próximo, assegurando-vos junto a ele que vosso trabalho não seja em vão. (ESPINOSA, 2017, s/p, grifo nosso).

Lemos assim, mais um apontamento que enuncia a cautela espinosana direcionada de forma contundente à comunicação e a essa forma de ação intencional condizente com a experiência, ou seja, numa prudência prática. Já quando seu lema *cautè* é dirigido para o não filósofo, a noção de prudência é indicada com a pretensão de passar da ignorância à sabedoria. Essa noção se alinha a uma forma de sabedoria teórica, na qual a busca pelo conhecimento é requerida.

Nesse encadeamento, aparecem as duas formas do seu sentido de prudência, a do campo da sabedoria teórica que pede ao leitor estar alerta para as sutilezas das crenças e dos dogmas colocados naquilo que se lê, assim como para as formulações de conceitos já preconcebidos com interesses de controle; e a do campo prático, no qual se requer uma escrita adaptável às massas considerando a eficiência da experiência para proporcionar mais entendimento do vulgo na comunicação do filósofo. A partir dessa necessidade, é pelo exemplo da via de uma sabedoria prática que Espinosa pede ao filósofo uma comunicação utilizada de forma raciocinada, para adaptar-se, dentro dos limites do razoável, à maneira de pensar dos homens para que facilite essa passagem. Com a passagem facilitada à via do conhecimento, as possibilidades de se alcançar o objetivo de ser compreendido, seguramente se tornará mais acessível, assim, o alcance do conhecimento para o não filósofo se torna mais concebível e possibilita sua reflexão em ações cada vez mais elaboradas, facilitando o caminho para uma prudência aprimorada, ou a prudência mais alta como aponta Chantal Jaquet. O que a autora quer dizer como uma prudência mais alta em Espinosa é a avaliação de significados, conceitos e afetos, justamente um convite à uma ética de elaboração com

um sentido ativo, matriz ontológica do projeto ético espinosano, que busca sua maior perfeição nas suas concepções e nas suas operações, evitando a impotência das suas escolhas e das suas ações, trilhando o caminho da liberdade e autonomia, sem qualquer regra ou moral impositiva para seu sentido de prudência.

Ainda ao não filósofo, a noção de prudência espinosana também expressa em seu lema *cautè* a necessidade de atenção ativa frente à acomodação diante do mundo, da sutileza de sua moral imposta, demonstrando a necessidade e a lembrança de buscar pelo aprimoramento e pela capacidade de ser uma mente mais desperta e ativa. Assim, fica disponível ao leitor não acostumado à filosofia, uma ação potente que pode iniciar-se na produção de pensamento e desenvolver-se numa ação cada vez mais aperfeiçoada frente às suas realizações. Dessa forma, temos a noção de prudência sendo admitida pelo não filósofo quando este consegue melhor acesso ao entendimento no campo da sabedoria teórica, refinando passo a passo de forma simultânea seu conhecimento para desenvolver-se na prática com suas ações.

A conciliação de Espinosa acerca da sua noção de prudência, entre sua regra prática e sua sabedoria teórica, revela nesse duplo aspecto o sentido de uma peça importantíssima no significado da palavra *cautè*, pois, como vimos dentro desse escopo, mesmo que sua regra prática considere a experiência e utilize uma comunicação estratégica, que busca ser apta à compreensão do vulgo, o sentido da prudência espinosana, nesse caso particular, tem como ponto relevante oferecer uma via planejada que visa direcionar o indivíduo rumo a uma maior perfeição, condizente com a operação natural realizada pelo *conatus*, como apontado. Nessa rota particular da prudência, o caminho trilhado visa o encontro da sabedoria teórica, na qual a via da experiência e a via da razão precisam ser complementares para que o objetivo se realize de forma integral.

Referências

ESPINOSA, B. **Ética**. Trad. Grupo de Estudos Espinosanos. Edição Bilingue. São Paulo: EDUSP, 2015.

ESPINOSA, B. **Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar**. Trad. Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Luís César Oliva. 1ª Edição – 2. Reimpressão, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ESPINOSA, B. **Tratado da emenda do intelecto**. Trad. Cristiano Novaes de Rezende. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2015.

- ESPINOSA, B. **Tratado Teológico-político**. Trad. Diogo Pires Aurélio. 3ª Edição – Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.
- ESPINOSA, B. Espinosa. Trad. Marilena Chauí, Carlos Lopes de Mattos, Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes, Antônio Simões, Manuel de Castro. **Coleção Os Pensadores**. 3ª Edição – São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- GUINSBURG, J. Cunha, N. **Spinoza. Correspondência completa e vida**. 1ª Edição – São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CHAUI, Marilena. **Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- CHAUI, Marilena. **A nervura do real I Imanência e Liberdade em Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, volume 1, 1999.
- CHAUI, Marilena. **Em defesa da educação pública, gratuita e democrática**. Org. Homero Santiago. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- COLERIUS. Biografias de Espinosa. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Frago. Disponível: <https://benedictusdespinoza.pro.br/biografias-de-spinoza-colerus.html>. Acesso em 01/07/2022.
- CONIB – **Associação Israelita do Brasil**. Fonte: <https://www.conib.org.br/carta-deexcomunhao-de-baruch-espinoza/> Acesso em 29/01/2022.
- DELEUZE, Gilles. **Del en medio de Spinoza**. 2a. edição. Tradução e notas Equipo Editorial. Buenos Aires: Cactus, 2008.
- FERREIRA, Maria Luisa R., Spinoza como professor. In: **Spinoza – octavo colóquio**. Córdoba: Brujas, 2012.
- JAQUET, C., **Spinoza ou la prudence**. Paris: Quintete, 2004.
- MORA, J. F., **Dicionário de Filosofia**. Tomo III, 2ª Edição – São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- NADLER, S., **Spinoza: A Life**. 1a Edição – Cambridge University Press, 1999.